

MIGRAÇÃO, JORNADA DE TRABALHO E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: AS (IM)POSSIBILIDADES DE CONCILIAÇÃO TRABALHO E ESCOLA¹

Larissa do Livramento Pereira²
Célia Regina Vendramini³

Resumo

O artigo visa analisar como se configuram as relações entre jornada de trabalho e escolarização na trajetória de migrantes matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA) do município de Florianópolis/SC. O método que orienta o trabalho parte do materialismo histórico e dialético, compreendendo o trabalho como categoria fundante e central para a apreensão do ser humano em suas relações sócio-históricas. Partimos da análise da jornada de trabalho dos estudantes migrantes e sua relação com a produção de mais valor e as relações de exploração, permitindo evidenciar que a extensão e intensificação da jornada de trabalho deixa pouco tempo para a dedicação aos estudos.

Palavras-chave: Trabalho e Educação; Migração; Jornada de Trabalho; Educação de Jovens e Adultos.

MIGRACIÓN, JORNADA DE TRABAJO Y EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS: LAS (IM) POSIBILIDADES DE CONCILIACIÓN DEL TRABAJO Y DE LA ESCUELA

Resumen

El artículo busca analizar cómo se configuran las relaciones entre jornada de trabajo y escolarización en la trayectoria de migrantes matriculados en el programa de Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) del municipio de Florianópolis/SC. El método que orienta el trabajo parte del materialismo histórico dialéctico, comprendiendo el trabajo como categoría fundante y central para la aprehensión del ser humanos en sus relaciones socio-históricas. Partimos del análisis de la jornada de trabajo de los estudiantes migrantes y su relación con la producción de plusvalía y las relaciones de explotación. Identificamos que la extensión e intensificación de la jornada deja poco tiempo para la dedicación a los estudios.

Palabras Claves: Trabajo y Educación; Migración; Jornada de Trabajo; Educación de Jóvenes y Adultos.

MIGRATION, WORKING DAY, "YOUTH AND ADULT EDUCATION": THE (IM)POSSIBILITIES OF CONCILIATION OF WORK AND SCHOOL

Abstract

The article aims to analyze how the relationship between working hours and schooling are configured in the trajectory of migrants enrolled in "Youth and Adult Education" in the city of Florianópolis/SC. The method that guides the work is based on historical and dialectical materialism, comprising work as a founding and central category for the apprehension of the human being in his socio-historical relations. The analysis of the working hours of migrant students and its relationship with the production of more value and the relations of exploitation, showing that the extension and intensification of the working hours leave very little time for dedication to study.

Keywords: Work and Education; Migration; Working Day; "Youth and Adult Education".

¹ Artigo recebido em 16/07/2021. Primeira avaliação em 09/08/2021. Segunda avaliação em 10/08/2021. Aprovado em 26/08/2021. Publicado em 11/11/2021. Texto republicado em 23/08/2023, tendo em vista a comemoração dos 20 anos da TN, por sua qualidade e atualidade acadêmica.

DOI: [Doi.org/10.22409/tn.v19i40.50886](https://doi.org/10.22409/tn.v19i40.50886)

² Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC). Docente da rede pública estadual de Santa Catarina (SC). Pesquisadora participante do Grupo de estudos Migração e Educação.

E-mail: larissalivramentop@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1290408784983867>;

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5293-1697>

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos/SP (UFSCar). Docente titular vinculada ao curso de Pedagogia do Centro de Ciências da Educação (CED/UFSC) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFSC). Pesquisadora no Núcleo de Estudos sobre as Transformações no Mundo do Trabalho (TMT) e ao Grupo de estudos Migração e Educação.

E-mail: celia.vendramini@ufsc.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7441375272877530>;

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9600-2868>

Introdução

O presente artigo aborda a realidade de trabalhadores migrantes e estudantes da Educação de Jovens e Adultos no município de Florianópolis/SC. Dedicar-se a compreender, particularmente, as contradições em torno das (im)possibilidades de conciliação do tempo-trabalho e do tempo-escola na vida do trabalhador migrante, considerando sua jornada de trabalho.

Os trabalhadores migrantes que frequentam a EJA no município de Florianópolis/SC, conforme pesquisa que resultou neste artigo⁴, destacam-se por: 1) frequentemente possuir mais de um vínculo empregatício; 2) longa jornada de trabalho (chegando a 12 horas/dia); 3) histórico de vida marcado por diferentes processos migratórios; 4) percurso escolar permeado por interrupções e descontinuidades.

Os que migram para Florianópolis e conseguem permanecer na cidade, quando conseguem trabalho, recebem baixos salários, enfrentam longas jornadas de trabalho, muitos precisam trabalhar em mais de um local, em grande parte na informalidade. Acrescentam-se ainda as atividades domésticas, em geral desempenhadas por mulheres.

A exploração precoce da força de trabalho é um dos pilares do afastamento escolar da criança e do adolescente, seja ele remunerado ou não. A atividade do trabalho, que será motivo para o retorno à escola, novamente concorre com o estudo, por meio das longas jornadas de trabalho vivenciadas pelos migrantes. Pesquisas como as de Frochtengarten (2009), Vendramini (2016; 2018), Klein e Cavazotti (2012), Silva (2019), Marcassa, Conde e Dalmagro (2019), D'Agostini, Marcassa e Júnior (2017) evidenciam a relação entre baixa escolaridade, ocupação em trabalhos simples e mal remunerados e longas jornadas de trabalho.

A partir de levantamento e tabulação dos dados das fichas de matrícula de todos os núcleos da EJA de Florianópolis, totalizando 904 migrantes em 2018 e 974 em 2019, constatamos que dos matriculados em 2018, em todo o município de Florianópolis, 47% são migrantes de fora da região metropolitana da Grande

Florianópolis, 6% são migrantes da região metropolitana, 2% são de estado estrangeiro, 15% não consta a informação e apenas 29% são nativos. Agrupando

⁴ A pesquisa intitulada *A escolarização de trabalhadores migrantes na Educação de Jovens e Adultos diante da longa jornada de trabalho* foi desenvolvida em conjunto com o grupo de pesquisa Escolarização e Migração. Baseou-se na análise de dados das fichas de matrículas dos estudantes da EJA de Florianópolis, assim como em entrevistas e grupos focais com estudantes migrantes.

migrantes da Grande Florianópolis, migrantes de outras regiões e de estado estrangeiro obtemos o total de 55%. Ou seja, mais da metade dos estudantes matriculados na modalidade EJA, em 2018, eram migrantes.

Com base nas fichas de 2019 e realizando os mesmos procedimentos, concluímos que 51% são migrantes de fora da região metropolitana da Grande Florianópolis, 7% são migrantes da região metropolitana, 1% é de estado estrangeiro, 12% não consta a informação nas fichas de matrícula e 29% são nativos. Com a mesma soma, chegamos a um resultado de 59% de migrantes, um aumento de 3% em relação ao ano de 2018.

A coleta dos dados das fichas de matrícula evidencia a região do norte da ilha, em especial o bairro Ingleses, como de forte atração para os migrantes. O bairro, além de belo, com praias e conhecido por sua água mais aquecida, conta com moradias mais baratas, se comparado com outras regiões da ilha, ou mesmo com bairros da mesma zona norte, a exemplo de Jurerê Internacional. Considerando o turismo na região, o crescimento do bairro e, conseqüentemente, a ampliação da infraestrutura e serviços, há uma possibilidade maior de oferta de postos de trabalho, em especial na temporada de verão, em ocupações em grande parte informais e/ou precarizadas.

O alto número de migrantes com baixa escolaridade denota o caráter da fração de classe presente na EJA, fruto de “uma potência expropriadora que fundamenta a subordinação permanente, intensa e extensa da força de trabalho” (RUMMERT, ALGEBAILLE, VENTURA, 2013, p. 735). Migrantes chegam à capital catarinense para ocupar postos de trabalhos simples e precários, terceirizados, subcontratados, e as mais diferentes estratégias de “expropriação dos direitos do trabalho” (idem, p. 719). A centralidade do trabalho e, conseqüentemente, da jornada de trabalho, nos permite analisar as múltiplas dimensões da situação da classe trabalhadora na atualidade, em um contexto que migrar deixou de ser exceção e passou a ser a regra.

A migração como expressão do processo de expropriação e exploração

A migração revela o processo histórico de expropriação, o qual separou os trabalhadores dos meios de produção. A partir da chamada acumulação primitiva, milhares de camponeses foram arrancados de suas terras, obrigados a venderem sua força de trabalho como única posse, enquanto assistiam as antigas propriedades transformarem-se em pastagem para animais e tornarem-se posse de grandes

latifundiários. A expropriação segue na atualidade a partir de vários mecanismos que expulsam os trabalhadores não apenas da terra, mas dos instrumentos de trabalho, das possibilidades de produzirem seus meios de subsistência, do contrato de trabalho, dos direitos trabalhistas, da escola, e também dos seus lugares. Considerando que a única forma do trabalhador e sua família sobreviver nesta sociedade se dá pela venda da força de trabalho, não conseguindo vendê-la, é forçado a migrar para outros lugares e setores produtivos. O que não garante a sua inserção no emprego, visto que vemos crescer o chamado exército industrial de reserva⁵, nos termos de Marx (2014), ampliando a concorrência por vagas já existentes no mercado de trabalho. Tanto migrações externas como internas, permanentes ou sazonais, entre campo e cidade, entre cidade e cidade, são a regra na vida de uma fração substancial e crescente da classe trabalhadora.

O debate sobre os motivos e origens do movimento migratório é vasto e diverso. Diferentes autores se dedicaram a compreender a migração, como Singer (1980), Lee (1980), Simmons (1991), de diferentes perspectivas, como marxistas, pós-modernas, neoclássicas, pós-industriais, aliadas à teoria da modernização, etc. A dificuldade em mensurar e adentrar as causas e consequências do movimento migratório está na pluralidade do fenômeno, tanto a respeito do recorte histórico, como do recorte geográfico, de classe, raça/etnia, gênero e outras variantes.

Contudo, os estudiosos da migração tendem a concordar que, independente do contexto, as migrações ocorrem em busca de uma melhor condição de vida. Seja dos camponeses expulsos de suas terras, seja das migrações para dar prosseguimento aos estudos, seja para buscar novos lugares para vender sua força de trabalho, seja na condição de refugiado.

Compreendemos que o materialismo histórico e dialético nos possibilita uma apreensão do fenômeno com maior interação das variantes e determinantes possíveis, o que nos leva a concluir que o processo de migração tem como pano de fundo as relações sociais em que o sujeito está inserido. Dessa forma, reconhecemos

⁵ Neto (2013) dedicou-se ao estudo do conceito e mensuração do exército industrial de reserva, baseado na teoria marxista e o define como a parte da “população trabalhadora que não é empregada pelo capital, mas que lhe está disponível para ser empregada. Ele é formado a partir do progresso das forças produtivas, uma vez que este faz aumentar a proporção entre meios de produção e força de trabalho, o que tem como consequência uma queda da demanda do capital por força de trabalho. A magnitude da acumulação de capital faz com que fileiras deste exército sejam recrutadas quando a acumulação de capital aumenta, e que sejam engrossadas quando esta diminui” (NETO, 2013, p.8).

a existência da migração anterior ao capitalismo. Por mais que esteja na ordem do dia, a migração é um fenômeno histórico presente nas mais diversas temporalidades. Desde a antiguidade, ou ainda, da chamada pré-história, os seres humanos se moviam em busca de satisfazer suas necessidades. A migração era necessária à sobrevivência e hoje ainda é, porém, sob outra perspectiva. A constituição e consolidação do modo de produção capitalista alterou o sentido do trabalho e com ele as motivações, formas e destinos da migração.

No contexto do capitalismo mundializado, a produção flexibilizada é um dos elementos fundamentais na explicação do modo como se apresentam as migrações. Isso não exclui a decisão individual ou familiar sobre a migração. Em algum momento, o sujeito decide migrar. Entretanto, essa decisão é, inevitavelmente, baseada na conjuntura social e econômica na qual está inserido. Em outras palavras, as migrações são sempre historicamente condicionadas e não podem ser separadas de uma análise que considere o particular e o universal. Esses elementos são base para a compreensão e análise das migrações de forma dialética, não desprezando a ação do sujeito. Ainda assim, em última instância, não haveria como desconsiderar a existência de fatores estruturais. Afinal, a crescente precarização dos trabalhos sem contrato, intermitentes, flexíveis, temporários provocam:

A maior mobilidade dos trabalhadores entre setores de produção e locais de trabalho. Nesse contexto, a ideologia do indivíduo empresário de si mesmo ganha força, ele precisa se destacar, buscar um diploma, ter um seguro saúde, aposentadoria, carro ou moto própria... para ter condições de competir com outros empresários de si mesmos. Além disso, o trabalhador se dispõe a deixar sua família, casa, amigos, cidade natal para vender sua força de trabalho onde houver procura. Torna-se assim totalmente disponível ao mercado de trabalho. E tem um agravante ainda, visto que ele já não encontra um lugar seguro para se fixar, tendo que se deslocar com mais frequência, exigindo desprendimento e adaptabilidade, ou seja, capacidade de submeter-se ao novo. (VENDRAMINI, 2018, p. 241)

Dessa forma, afirmar que na atualidade as migrações ocorrem sob domínio do capital, sendo necessário entender o padrão de acumulação vigente para compreendê-las em sua essência, não significa negar os deslocamentos compulsórios, as redes de sociabilidade e outras variantes (OLIVEIRA, 2011). Ademais, para a compreensão da migração, é necessário associá-la ao processo de expropriação, que foi base para a instituição e consolidação do modo de produção capitalista e ainda hoje serve para sua manutenção e retroalimentação. Autores como

Fontes (2012) e Harvey (2014) se debruçam sobre as atuais formas de expropriação da classe trabalhadora.

A EJA e os estudantes migrantes

Os dados obtidos por meio das fichas de matrícula confirmam o alto índice de migrantes na EJA de Florianópolis. Dos dezenove núcleos que se espalham pela ilha e pela região continental encontramos o registro de matrícula de 904 migrantes em 2018 e 974 em 2019⁶.

A região de origem dos migrantes se repete nos anos de 2018 e 2019. A maior parte, em torno de 53%, são oriundos da região sul, seguida pela região nordeste e norte. Infelizmente, muitas fichas de matrícula não contêm a informação de origem, o que limitou, em parte, uma análise mais precisa. Além disso, há um aumento em torno de 1%, de 2018 para 2019, dos migrantes nascidos no norte e sudeste do país e uma diminuição da mesma porcentagem da região nordeste.

No que diz respeito ao estado de nascimento dos estudantes migrantes, além dos destaques dos estados da região sul, há um número expressivo da Bahia, com 77 estudantes em 2018 e 80 em 2019, seguido pelo Pará, com 38 estudantes em 2018 e 56 em 2019. O estado do Pará teve um aumento considerável no número de estudantes matriculados; seguindo essa tendência aparece o estado de Alagoas, que no ano de 2018 contava com 18 estudantes matriculados e em 2019 passou a ter 35 estudantes. Como verificado nas fichas, a vinda de migrantes da região norte e nordeste tem aumentado consideravelmente e muitas dessas pessoas chegam à capital catarinense com pouca ou nenhuma escolarização.

A migração encontrada na EJA é interna. Mesmo com a presença baixa da opção estado estrangeiro (EE) nas fichas de matrículas, a equipe percebeu pelo nome dos estudantes que, na maior parte dos casos, tratavam-se de brasileiros. No que diz respeito ao debate teórico sobre a migração interna, o mesmo ganhou força a partir da segunda metade do século XX, dada a crescente migração no contexto de industrialização nacional. Singer afirma que:

[...] a migração interna é um processo social, deve-se supor que ele tenha causas estruturais que impelem determinados grupos a se pôr em movimento. Estas causas são quase sempre de fundo econômico – deslocamento de atividades no espaço de crescimento diferencial da

⁶ O número total de estudantes em 2018 foi de 1.636 e no ano de 2019 foi de 1.658.

atividade em lugares distintos e assim por diante – e atingem os grupos que compõem a estrutura social do lugar de origem de um modo diferenciado. (SINGER, 1998, p.52)

No escopo dessa discussão, o autor atribui às desigualdades regionais o motor principal das migrações internas, acompanhando a industrialização nos moldes capitalistas. Assim como explica Alves (2006, p.22): “Na corrente marxista a origem dos fluxos é interpretada como o resultado de processos estruturais que se desenrolam nas áreas de origem e resultam em fatores de expulsão populacional, colocando um determinado grupo social em movimento”.

Para Singer, as migrações internas na sociedade brasileira estão marcadas pelas desigualdades regionais, assim como pelo papel ocupado pelo Brasil na divisão internacional do trabalho. A partir disso, o autor estabelece condições de expulsão e fatores de atração das regiões de origem e de destino. “Os fatores de expulsão definem as áreas de onde se originam os fluxos migratórios, mas são os fatores de atração que determinam a orientação destes fluxos e as áreas às quais se destinam” (SINGER, 1998, p.40).

Ainda no que diz respeito às mudanças ocorridas a partir da segunda metade do século XX, Cardoso (2013) expõe que as diversas mudanças adotadas pelo capital, desde a década de 1980, a respeito da distribuição do tempo de trabalho, visam torná-lo cada vez mais flexível, aumentando a capacidade de resposta rápida às variações do mercado.

No Brasil, o resultado pode ser visto na nova forma de contabilizar e compensar o tempo de trabalho, que passa a ter o ano como referência e não mais o mês ou a semana, como originalmente previsto. Em alguns países, a referência, inclusive, passa a ser a vida ativa do trabalhador. Assim, temos a anualização, a modulação (ou chamado banco de horas), a ampliação do tempo de trabalho em horários e dias atípicos, como finais de semana ou à noite, bem como uma maior demanda por hora-extra e sobreaviso. Nesse processo de construção social de um tempo de trabalho muito mais flexível, o discurso do capital buscou identificá-lo com a possibilidade de maior liberdade para o trabalhador. Entretanto, vemos que, de uma forma geral, o tipo de flexibilização que vem sendo implementada tem sido orientada, unicamente, pela demanda da produção e não pelas necessidades dos trabalhadores. (CARDOSO, 2013, p. 355)

Dessa forma, se o tempo de trabalho fica cada vez mais flexível, o mesmo acontece com os tempos de não trabalho, ou tempo liberado do trabalho. Isso porque a “flexibilização tem impactos negativos tanto dentro como fora do local de trabalho;

dentro, a consequência é o aumento da intensidade e fora, é a desorganização do tempo de não trabalho” (CARDOSO, 2013, p. 354).

Essa é a realidade de muitos dos estudantes-trabalhadores da EJA. Em entrevista com a estudante Luíza (39 anos), quando indagada sobre a conciliação entre estudo e trabalho afirma que:

Eu não tinha tempo pra nada, saía de casa sete horas da manhã. Tinha vezes, antes de eu começar a estudar, que eu emendava, ficava até às nove horas da noite. Foi aí que eu comecei a me dedicar a estudar, porque eu poderia sair mais cedo, umas quatro e meia, se eu tivesse fazendo algo.⁷

A entrevistada conta que o horário era negociado, bem como os dias de estudo. No início tinha apenas uma aula semanal, passou para duas, até frequentar todos os dias. A frequência diária resultou em um cansaço extremo, segundo a entrevistada. A questão do tempo sendo consumido pelo trabalho é abordado também na pesquisa de Frochtengarten (2009) sobre os migrantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na cidade de São Paulo. O autor demonstra que cerca de dois terços dos participantes tinham mais de dez horas do dia ocupadas pelo trabalho, desde a hora da saída de casa até o término do expediente. Salienta que a jornada que já é extensa, por muitas vezes, incluía o sábado.

Tamanha centralidade do trabalho na vida faz com que este se torne condição para os estudos. Para a maior parte dos estudantes, a escolaridade incompleta foi causada pela ausência material dos elementos necessários à reprodução social, e isso se confirma tanto na pesquisa de Frochtengarten como nos dados da pesquisa que desenvolvemos.

Ao analisar a migração na perspectiva do materialismo histórico e dialético, observamos que todos os estudantes da EJA tiveram seu percurso escolar interrompido, seja pela necessidade de trabalhar, por medidas socioeducativas, por reprovações recorrentes, por gravidez e por uma política da própria escola, onde muitos jovens a partir de 15 anos são encaminhados para a EJA, gerando uma juvenilização⁸ nessa modalidade de ensino. No caso dos migrantes, esse processo está ainda mais sujeito a interrupções, pois as migrações:

⁷ Entrevista realizada virtualmente entre os dias 28 e 30 de abril de 2020.

⁸ A juvenilização na EJA explicita a lógica da educação para a classe trabalhadora, feita para dar alguma instrução, mas não feita para questionar. É simples e rápida, visando a entrada no mercado de trabalho para exercer trabalhos simples, concretizando a tendência do capital em rebaixar o trabalho

Na maioria das vezes não são planejadas com antecedência, o tempo necessário para a adaptação no novo local não é subtraído do calendário escolar, a documentação dos estudantes acaba em alguns casos sendo perdida pelo caminho ou não é providenciada, entre outros aspectos. (VENDRAMINI, 2017, p. 479)

Neste sentido, Frochtengarten (2009, p. 27) evidencia que a escola aparece para os migrantes em segundo plano: “é como se o migrante precisasse experimentar uma mínima estabilidade dos esquemas cotidianos para poder vislumbrar a escola como instância de inserção na sociedade urbana”. A pesquisa deste autor demonstrou que entre a chegada à cidade de São Paulo e a matrícula no supletivo destinado a jovens e adultos, há um lapso temporal para a maioria dos estudantes, pois na hierarquia de urgência para a reprodução da vida, trabalho e habitação se colocam em primeiro plano. Quando a procura por emprego cessa e é garantida a subsistência, o migrante “finalmente reuniria condições para cuidar da carência de conhecimentos que, a vida informa, regem a urbanidade” (FROCHTENGARTEN, 2009, p. 27).

Temos acordo com o autor e observamos que a escolarização é quase um artigo de luxo, mesmo que muito precarizada. As longas e duplas jornadas de trabalho, sobretudo no caso das mulheres, concorrem com o tempo escolar. O cansaço, o desânimo, a falta de estrutura para estudar, a fome, a timidez, a falta de condições necessárias para ir à escola, como transporte e vestimenta, são elementos que afastam o estudante deste processo. Nossa pesquisa demonstra que a insistência no processo educativo só é possível mediante o controle do tempo e da decisão de quais atividades podem ser eliminadas para que a escola se encaixe no pouco tempo disponível.

A condição de trabalhador-estudante na “Ilha da correria”

A migração com destino à região sul do Brasil tem aumentado muito neste início do século XXI. Segundo os dados obtidos pelo último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos anos de 2005-2010, a região sul foi a que mais aumentou sua mobilidade social. Santa Catarina tem um importante papel neste índice, pois aumentou em 59% a recepção de migrantes em relação aos anos anteriores (IBGE, 2011). Este fenômeno se expressa na demanda por serviços públicos, entre eles, a escola.

complexo. Salientamos que, de acordo com a LDB de 1996, a entrada na EJA era permitida a partir dos 18 anos, sendo reduzida posteriormente para 15 anos completos.

A representação midiática criada em torno do estado de Santa Catarina como próspero, com boa qualidade de vida e baixa violência é bastante atrativa. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2018) realizou um estudo em que indica Santa Catarina como um dos três estados com menor homicídio de jovens. Segundo o relatório, o estado também apresenta baixa taxa de homicídio em comparação com outros estados, tanto para homens quanto para mulheres, e a respeito das mortes causadas pela força policial.

Sabemos que a polícia tem um largo histórico de extermínio da população pobre, por isso, o menor índice de violência pode ser um dos elementos responsáveis pela escolha do novo local de moradia, ou pelo menos, um dos elementos que influenciam na decisão de ficar por mais tempo na cidade. Os jovens, em especial, buscam em Florianópolis um local de moradia mais seguro, com maior oferta de empregos e melhor qualidade de vida quando comparado ao seu local de origem.

Esse fato é revelado pelos estudantes participantes da pesquisa. “Lá em Porto Alegre tem muito prédio, tu não vê muito verde e muito nego roubando e matando”⁹; Entrevistadora: “Na tua cidade que é Ituberá, o que está acontecendo para os jovens virem pra cá?” Ramon (19 anos): “Violência, desemprego”¹⁰.

Para além disso, Florianópolis adquiriu fama por sua beleza geográfica, sobretudo pela intensa construção midiática e apelo ao seu codinome ‘Ilha da Magia’. Silva (2019) em seu trabalho intitulado *Jovens da EJA na “Ilha da Magia”: Condições de Trabalho, Educação e Migração* demonstra que:

“Ilha da Magia” é o apelido midiático imputado à Florianópolis. Procura-se aproveitar certa tradição folclórica de mitos e lendas vinculados às bruxas e seus enfeitiçamentos, cuja origem remonta às tradições lusitanas da idade média, para enaltecer as qualidades naturais que, de tão belas, tornar-se-iam contagiantes e mágicas. Isso atrairia os que por aqui passam, já que a cidade oferece paisagens exuberantes e suposta qualidade de vida. Sem dúvida, um epíteto com finalidade publicitária para investimentos de toda ordem, especialmente àqueles afeitos ao setor do turismo e especulação imobiliária. (SILVA, 2019, p. 163)

Apesar da propagação do baixo índice de violência, em comparação com outras capitais (NSC TOTAL, 2015; EXAME, 2015), Silva (2019) atenta que o índice

⁹ Grupo focal realizado em 14/11/2019, no Núcleo EJA Norte I – Ingleses.

¹⁰ Grupo focal realizado em 07/11/2019, no Núcleo EJA Norte I – Ingleses.

de violência também cresce em Florianópolis. Amparada nos dados da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Santa Catarina, expõe um aumento de 166% de assassinatos em Florianópolis no ano de 2016, em comparação com o ano anterior. Uma contradição que desmistifica o que é apresentado pela mídia. Mesmo que Florianópolis contabilize menos mortes por força policial, em comparação com outras capitais, a precarização crescente da reprodução da existência tem agravado esse quadro.

O crescente aumento do genocídio nas comunidades empobrecidas, o racismo e xenofobia, as diferentes formas de violência pelo Estado e pelo tráfico, entre outros fatores, deram origem a diversos movimentos de resistência nas comunidades de Florianópolis. Ainda assim, o esforço midiático para a construção de Florianópolis como o sonho de moradia tranquila em uma cidade em constante progresso atrai uma população que migra em busca da famosa “Ilha da Magia”.

Não demora até que os novos residentes percebam que a cidade não é tão mágica como o esperado. Nos grupos focais realizados, ao serem questionados sobre Florianópolis ser realmente a “Ilha da Magia”, respondem:

Ramon (19 anos): Rapaz, acho que não é não, é a ilha da correria.

Maurício (22 anos): Correria, semana inteira não pára, complicado. Quem tem que se virar tem que correr, não tem outra alternativa¹¹.

O desafio para os migrantes trabalhadores que chegam à capital é estabelecer-se no novo lugar e procurar trabalho. Devido à crescente concorrência por trabalho, a necessidade da certificação do ensino fundamental se faz necessária, mesmo para postos de trabalho simples. Para conciliar trabalho e estudo, a EJA oferece a possibilidade do período noturno e sua modalidade adaptada às intempéries do volátil trabalho exercido, sobretudo pelos migrantes, possibilitando a conciliação do estudo com o trabalho.

Para a classe trabalhadora, o cerne da migração está em deslocar-se para onde houver trabalho. Os dados de nossa pesquisa demonstram que as atividades de trabalho exercidas pelos migrantes são simples, com longas jornadas, mais de um vínculo empregatício e, na maior parte dos casos, sem carteira assinada. A realidade dos migrantes é descrita da seguinte forma:

¹¹ Grupo focal realizado em 14/11/2019, no Núcleo EJA Norte I Ingleses.

Maurício (22 anos): Você chega e tem que procurar trabalho né, se virar, correr atrás. Trabalhar, trabalhar, trabalhar... aqui o povo trabalha de dia e de noite, a maioria. Acho que todo mundo aqui concorda (turma assente). Tem que ser pra poder se manter aqui, porque o custo de vida aqui é um pouco alto.¹²

Os trabalhadores despossuídos migram de um lugar para outro em busca da possibilidade de melhores condições de vida e acesso a bens de consumo, como demonstra o estudante Ramon (19 anos): “eu penso mais em ter um carro bacana, uma casa bacana, uma graninha e tocar a vida”¹³. Entretanto, observamos que no máximo conseguem acesso aos elementos mais básicos para a sobrevivência.

A apreensão da reprodução social tem como base a seguinte conceituação:

A reprodução social é o material carnudo, desordenado e indeterminado da vida cotidiana. É também um conjunto estruturado de práticas que se desdobram na relação dialética com a produção e com quem mantém mutualmente tensão e constituição. A reprodução social abarca a reprodução diária e de longo prazo, tanto dos meios de produção como da força de trabalho, para fazê-los funcionar. Em sua base ampla, ela se desdobra sobre a reprodução biológica da força de trabalho, tanto geracional quanto diária, por meio da aquisição e distribuição dos meios de subsistência, ou seja, alimento, moradia, vestuário, saúde. De acordo com a teoria marxista, a reprodução social é mais do que isto, também engloba a reprodução da força de trabalho a certo nível de diferenciação e especialização. Esta força de trabalho diferenciada e especializada é socialmente constituída, sendo as práticas materiais não somente associadas à sua produção histórica e geográfica específicas, mas também os seus contornos e requisitos, sendo resultado de luta contínua. Além de assegurarem os meios de subsistência, a produção e reprodução da força de trabalho envolvem uma variedade de práticas e formas culturais que são geográfica e historicamente específicas, incluindo aquelas ligadas ao conhecimento e aprendizado, justiça social e seu aparato e à mídia.(KATZ, 2019, p. 438)

A questão da reprodução social engloba ainda outros elementos, como a moradia. Encontrar um local para morar é umas das primeiras coisas que o migrante se preocupa. Quando questionado sobre a vida em Florianópolis, Maurício (22 anos) ressalta com preocupação: “Aluguel é tudo complicado, muitos lugares não aceitam criança, animais, então é bem complicado. Muita gente aluga até a temporada e depois manda embora”¹⁴.

¹² Grupo focal realizado em 14/11/2019, no Núcleo EJA Norte I – Ingleses.

¹³ Grupo focal realizado em 14/11/2019, no Núcleo EJA Norte I Ingleses.

¹⁴ Grupo focal realizado em 14/11/2019, no Núcleo EJA Norte I – Ingleses.

Como apontado por Maurício, a questão da moradia é um ponto central. Isso porque é fundamental tanto para a reprodução social como indispensável na maior parte dos postos de trabalho, visto que é comum o empregador requerer comprovante de residência. Bem como para matricular-se numa escola, usar os serviços de saúde, entre outros. Contudo, há muitas dificuldades em encontrar um imóvel barato, devido à especulação imobiliária, além da necessidade de fiador para o contrato de aluguel, o valor da caução para a entrada, ou as restrições para alugar, como a presença de crianças e animais. A chegada na cidade de Florianópolis é comumente associada à dificuldade em conseguir moradia.

José (62 anos): Quando cheguei em Florianópolis, eu arrumei um emprego em seguida, mas encontrei dificuldade para conseguir uma moradia. Tive que morar de favor com um cidadão. As dificuldades são grandes, porque tudo é caro aqui e naquela época havia uma dificuldade muito grande para se conseguir uma casa, um imóvel, eu permaneci aqui pagando aluguel por catorze anos e foi bastante difícil em alguns momentos, mas era bem melhor do que onde eu estava¹⁵.

A questão da habitação não é recente nas análises marxistas. Marx e Engels debruçaram-se sobre a questão, visto que é condição *sine qua non* para a conservação da força de trabalho. Engels (2009), no texto sobre a questão da moradia, afirma que a habitação não é exclusivamente uma questão atrelada ao proletariado, nem mesmo ao capitalismo.

A chamada falta de habitação, que hoje em dia desempenha na imprensa um papel tão grande, não consiste no fato de a classe operária em geral viver em casas mais apinhadas e insalubres. Esta falta de habitação não é algo próprio do presente; ela não é sequer um dos sofrimentos próprios do moderno proletariado, face a todas as anteriores classes oprimidas; pelo contrário, ela atingiu de uma forma bastante parecida todas as classes oprimidas de todos os tempos. Para pôr fim a esta falta de habitação, há apenas um meio: eliminar a exploração e opressão da classe trabalhadora pela classe dominante. (ENGELS, 2009, s.p.)

Ainda assim, “na sociedade burguesa o crescimento urbano desempenha função no desenvolvimento do capital e no encaminhamento de sua crise social” (MELO, 2016, p. 5). Neste sentido, o autor aponta que:

É possível notar que a incorporação de regiões à área moderna da cidade pela lógica capitalista não significa a inclusão do ser humano na civilização do capital. Ao contrário, a inserção de novos espaços

¹⁵ Entrevista realizada virtualmente entre os dias 19 e 25 de maio de 2020.

urbanos na reprodução capitalista leva inevitavelmente ao encarecimento do padrão de vida na região, visto que impõe o aumento nos preços dos terrenos, das residências e dos aluguéis, o que resulta na exclusão de pessoas, daí a transferência dos descapitalizados enquanto a solução na cidade burguesa (MELO, 2016, p. 7).

Para além da questão da moradia, o trabalho é o elemento base para a reprodução social. Quando questionamos os entrevistados acerca desse tema, apesar de assinalarem que em Florianópolis há maior oferta de vagas do que em suas regiões de origem, a dificuldade em encontrar um posto de trabalho é desanimadora. Caso a busca por trabalho não possa ser sanada, uma nova migração se apresenta como alternativa: “aqui é assim, ou fica, ou vai; não tem meio termo, é questão de um ano. Se em um ano tu conseguiu ficar, aí tu te dá bem, se não tu vai embora, é o que me diziam”¹⁶.

Realizamos dois grupos focais com estudantes migrantes da EJA no Núcleo do bairro Ingleses, Norte da ilha. Dos 22 participantes, dez têm origem no Rio Grande do Sul, cinco na Bahia, dois no Paraná, dois no Maranhão, um em Rondônia, um em Mato Grosso e um no Rio de Janeiro. Dos que estavam trabalhando no momento da realização das entrevistas, apenas três indicaram que tinham carteira assinada e apenas dois trabalhavam menos de 8 horas, por participar do programa ‘Jovem Aprendiz’, com jornada máxima de 6 horas. Dos que não estavam trabalhando, há a necessidade do trabalho para a manutenção da vida. A EJA é vista como a única forma de conciliar trabalho e estudo: “eu vim estudar na EJA por causa de serviço”¹⁷.

Contatamos que para estar inserido na EJA, o sujeito precisa deixar de lado elementos como o descanso e o lazer. Sua triste “escolha” se dá entre o pouco tempo que sobra para o descanso e o tempo para frequentar a EJA. A vida é inteiramente consumida pelo trabalho, ou pela procura e preparação para este, o deslocamento e para a reprodução da vida (alimentar-se, cuidar da saúde e higiene, cuidar dos filhos ou dos pais mais velhos, etc.) visando manter-se como trabalhador.

Ainda que o retorno à EJA indique alguma dedicação aos estudos, quando questionamos sobre atividades dessa natureza fora do trabalho e da escola, nos deparamos com a seguinte realidade:

¹⁶ Grupo focal realizado em 14/11/2019, no Núcleo EJA Norte I – Ingleses.

¹⁷ Grupo focal realizado em 07/11/2019, no Núcleo EJA Norte I – Ingleses.

José (62 anos): Eu sempre tive uma grande dificuldade em estudar, ou ler sozinho. Não conseguia pegar o caderno, pegar o livro durante o dia em casa. Eu só conseguia na escola, mas quando chegava em casa as coisas mudavam muito. Também tem o fato de amanhecer e eu já sair para a rua, para trabalhar. Quando chego em casa tem aquela dificuldade de se lembrar de livro, escrever coisa, de ler um pouco, é uma falha muito grande, mas infelizmente é a realidade.¹⁸

Em uma realidade em que o tempo disponível é escasso, José afirma que a EJA foi a única alternativa para que ele conseguisse conciliar trabalho e estudo, sobretudo por ser no período noturno.

José (62 anos): Eu conseguia conciliar todas as coisas da melhor maneira possível, para a noite estar sempre livre para frequentar a escola. Foi um tempo assim que eu não encontrei assim tanta dificuldade pra isso, até porque as minhas obrigações que tinha eram coisas assim muito pessoal e bem mais particular, então conciliava de uma forma que não me prejudicava e não prejudicava quem eu prestava o serviço, porque mesmo assim eu sempre continuei trabalhando.¹⁹

Luíza relata que para conseguir organizar sua rotina e “dar conta de tudo” precisa ser disciplinada. Nas suas palavras: “Fui ensinada que tudo tem que ter ordem, eu sempre consegui ter a ordem certa, acordar de manhã, tomar o café, manter a casa em ordem, cada um tem a sua tarefa”²⁰. Ressalta também a necessidade da divisão das tarefas domésticas para que seja possível seu retorno aos estudos. Para que os trabalhadores migrantes consigam estudar, tudo precisa ser calculado e muito bem organizado. Para as mulheres, responsáveis pela maior parte das tarefas domésticas, isso é ainda mais importante. Luíza necessita usar parte do período da noite para conseguir estudar.

Luíza (39 anos): Quando chegava às dez horas da noite em casa, já sabia o que eu ia fazer, comia alguma coisa, já mantinha organizada a cozinha e já pulava para meu estudo. E essa ordem eu vou mantendo sempre, sempre que eu saía, sempre que chegava, sempre que eu for trabalhar a minha casa vai estar organizada para eu não estar fazendo nada com pressa, eu acho bem importante essa parte. Eu tenho um dia para tudo, lavar roupa, cozinhar feijão; hoje fiz bastante comida, amanhã já não faço, só faço uma coisinha e a casa está ok. Tenho um cachorro, também é a mesma coisa, faço tudo na ordem certa.²¹

¹⁸ Entrevista realizada virtualmente entre os dias 19 e 25 de maio de 2020.

¹⁹ Entrevista realizada virtualmente entre os dias 19 e 25 de maio de 2020.

²⁰ Entrevista realizada virtualmente entre os dias 28 e 30 de abril de 2020.

²¹ Entrevista realizada virtualmente entre os dias 28 e 30 de abril de 2020.

Observamos que é comum entre os entrevistados a necessidade da rigorosa disciplina e organização do seu trabalho e rotina, associada com os horários alternativos da EJA, para possibilitar o retorno à escola. Por conseguinte, a análise da organização da vida a partir das categorias de reprodução social e jornada de trabalho depõe elementos essenciais para a compreensão desse fenômeno. Neste sentido,

a produção da vida, tanto da própria, no trabalho, quando da alheia, na procriação, aparece desde já como uma relação dupla – de um lado, como relação natural, de outro como relação social -, social no sentido de que por ela se entende a cooperação de vários indivíduos, sejam quais forem as condições, o modo e a finalidade. (MARX, 2014, p. 34)

A situação precarizada da própria reprodução da vida nos faz perceber como é sensível e complexa a estrutura de vida dos indivíduos que frequentam a EJA. Corroboramos com Frochtengarten (2009, p. 147) ao observar que “já não podemos afirmar que a carência material seja decorrente do afastamento da escola. Devemos, isto sim, inverter a ordem dos pares sutilmente arranjados pelo discurso dominante: a escolaridade incompleta é que foi causada pela carência material”.

Desse modo, podemos perceber que o público atendido pela EJA é composto principalmente por indivíduos de grupos marginalizados, seja pela sociedade, seja pelo mercado de trabalho, seja pelo sistema de ensino, uma vez que em algum momento estes não se enquadraram nos padrões pré-estabelecidos.

O estudante de EJA é um sujeito da periferia, é alguém que vive a marginalidade sob os diversos aspectos, no trabalho, na cidade, na cultura e inclusive na escola. Fruto deste contexto é a indisciplina na escola, a violência e as drogas, que acabam por fortalecer o caminho da exclusão. Entre as meninas, soma-se ainda o casamento e a gravidez precoce. Entre os casos mais preocupantes, não percebemos pontos de apoio que pudessem impulsionar o estudante a mudar o curso de sua vida, nem nas referências familiares, nem no círculo de amigos ou do trabalho. Nesses e noutros casos, vimos os desejos com o futuro apresentarem-se como sonhos irrealis, pois os jovens não possuem condições de tomar suas vidas nas próprias mãos. (DALMAGRO et al, 2019, p. 29)

Os estudantes migrantes com os quais realizamos nossa pesquisa estão ocupados em trabalhos repetitivos e pesados, associados com os afazeres domésticos. Estes assinalaram trabalhar - ou já ter trabalhado - como mecânico, agricultor, pintura e chapeação de carros, atendente, babá, jardinagem, segurança do trabalho, além da venda de bolo ou picolé para ampliar a renda familiar. Há, ainda, incidência de alta rotatividade nas ocupações. O que impera é o trabalho ocupando

todo o tempo disponível, o que significa que para estudar é necessário abrir mão de muitas coisas.

Constatamos que a renda familiar varia de um a dois salários-mínimos. A renda mais baixa foi de 700 reais e a mais alta de 4 mil. Entretanto, as rendas mais altas, entre 3 e 4 mil reais, advêm de casa com, pelo menos, três habitantes. A renda de 4 mil, a mais alta registrada, adveio de uma residência com sete moradores. Ainda a respeito do número de habitantes por residência, 21% moram em quatro pessoas, 17% em três, 17% em duas, 9% em cinco pessoas, 5% com seis e também 5% em sete pessoas. Apenas 3% moram sozinhos e 21% não respondeu à questão. Tal como nos grupos focais, a grande maioria não tem carteira assinada ou nunca teve. Das 85 fichas de matrícula disponíveis para consulta, 41 indicaram não ter carteira assinada, 10 tinham carteira assinada no momento da matrícula, 34 deixaram em branco essa informação e 31 estudantes nunca tiveram carteira assinada.

Os parentes e amigos que migraram anteriormente ajudam com a chegada no novo lugar, com local para morar, indicação de emprego, apresentando a cidade. Apesar disso, o migrante se encontra em uma situação de não-lugar. Não se reconhece como membro do novo território, ao mesmo tempo, em diferentes casos, não se vê voltando para o lugar de origem. Os estudantes relataram que o lugar ocupado pelo migrante é de eterno retirante. “Olha, é que eu não me sinto de lugar nenhum, pra falar a verdade, nem daqui”²².

Quando discorremos sobre o processo de desenraizamento pelo qual passam os migrantes, estamos de acordo com Silva (1998):

O passado dos lugares, das casas, dos objetos é condição básica do enraizamento. O desenraizamento é uma condição desagregadora da memória. Portanto, a ação das máquinas, ao provocar demolição, arrasando os terrenos, não tem somente o efeito de expulsar os moradores das casas, mas expulsar de suas lembranças, de suas memórias, os espaços da sociabilidade, do modo de vida, da cultura, enfim, da própria experiência vivida, enquanto significados. (SILVA, 1998, p. 224)

Ao observarmos a questão da reprodução social para compreender as contradições em torno das (im)possibilidades de conciliação do tempo-trabalho e do tempo-escola na vida do trabalhador migrante, estamos diante de uma situação reprodutiva precária, onde imperam os baixos salários, as longas jornadas, a

²² Grupo focal realizado em 13/11/2019, no Núcleo EJA Norte I – Ingleses.

combinação de mais de um vínculo de trabalho, a dupla jornada de trabalho no caso das mulheres, a ausência de serviços públicos - o que sobrecarrega o trabalho doméstico. Essa realidade resulta na ausência de tempo para o estudo. A busca pela conclusão dos estudos na EJA torna-se uma forma de resistência, mesmo que possa ter um sentido reparatório, de concluir o que foi forçosamente interrompido.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar como se relacionam a jornada de trabalho e a escolarização, a fim de compreender as (im)possibilidades da conciliação entre trabalho e escola para o migrante. Demonstramos que para ser estudante, o migrante precisa ser antes, trabalhador. A especificidade do migrante é justamente a necessidade de se manter na cidade. Para isso, tem que resolver muitas questões prioritárias, arrumar um trabalho, conseguir um local para morar e por último vem a escola.

Percebemos que para estar inserido na EJA, o sujeito precisa deixar de lado elementos como o descanso e o lazer. É comum entre os entrevistados a necessidade de rigorosa disciplina e organização do seu trabalho e rotina, associada com os horários alternativos da EJA, para possibilitar o retorno à escola. Ainda que este retorno se constitua uma forma de resistência, atentamos para a contradição de que todo tempo de vida do trabalhador acaba por ser destinado ao trabalho, pois mesmo o tempo destinado à escola tem como pano de fundo o trabalho.

O tempo de trabalho e de não trabalho se confundem e, conforme afirma Antunes (2018), os migrantes são a ponta desse iceberg. Os migrantes são a expressão do processo histórico de expropriação da classe trabalhadora. Como expresso neste trabalho, ou descansam ou estudam. Há uma exaustão assinalada pelos migrantes que precisam sacrificar descanso, lazer, relações interpessoais, para almejar um diploma que supostamente trará um futuro melhor.

O tempo dedicado à reprodução social também se torna tempo dedicado ao trabalho, já que é essencial para a funcionalidade produtiva do trabalhador, pois este necessita estar com condições de exercer sua função dia após dia. Ou seja, necessita se alimentar, manter a higiene, reservar um período para o sono, etc. Quando compreendemos essas variantes, percebemos que o migrante é expressão de uma realidade de exploração e precariedade, em que cada vez mais todo tempo de vida é

tempo de trabalho, diminuindo ou até mesmo eliminando o tempo de não trabalho. Na atualidade, com as novas tecnologias, é possível levar o trabalho para casa, realidade essa ainda mais escancarada no contexto da pandemia de Covid-19, onde o muro entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho está totalmente desmoronado.

Uma das contradições indissolúveis do capital e percebida neste trabalho é a diminuta ou inexistente divisão do que é trabalho e do que não é. O ciclo de produção e reprodução, seja a reprodução da classe trabalhadora ou a do capital, é uma engrenagem que tem como único motor a produção de mais valor e, portanto, a desvalorização da vida.

Sabendo que todo tempo se torna tempo *para* o trabalho, ou melhor, para o capital, a luta pelo emprego, salário e pela redução da jornada de trabalho é urgente. A luta histórica dos trabalhadores não cessou. Se o véu das aparências aponta para um futuro de 'empreendedores de si mesmos', a essência demonstra que é preciso revolucionar o trabalho nesta sociedade e superar o capitalismo.

Referências

BRASIL. IBGE. **Censo demográfico 2010**. Brasília: 2010. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico2010.html?edicao=9750&t=resultados>>. Acesso em 14 de julho de 2021.

ALVES, P. A. **O Movimento Demográfico do Oeste-catarinense**: um estudo sobre os determinantes econômicos da migração. 2006. 78 f. Monografia (Graduação em Economia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CARDOSO, Ana Claudia Moreira. Organização e intensificação do tempo de trabalho. **Soc. estado**, Brasília, v. 28, n. 2, p. 351-374, Ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269922013000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 de novembro de 2020.

DALMAGRO, Sandra Luciana; MANRIQUE, Leticia; CATAÑO, Cláudia Janet; KATREIN, Camila. Trabalho precário, violência e marginalização: o caso dos estudantes de EJA na Ilha da Magia. In: MARCASSA, L. P.; CONDE, S. F.; DALMAGRO, S. L. (org.) **Juventude pobre e escolarização**: trabalho, cultura e perspectivas de futuro nos territórios do maciço do Morro da Cruz – Florianópolis. Florianópolis: Editoria Em Debate, 2019.

D'AGOSTINI, A.; NOGARA JUNIOR, G. ; MARCASSA, L. P. Juventude e periferias urbanas: perfil, cultura e outros aspectos da vida social e afetiva. **REVISTA PEDAGÓGICA** (CHAPECÓ ONLINE), v. 19, p. 137, 2017.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2009.

FONTES, Virgínia. **O Brasil e capital-imperialismo: teoria e história**. 3.ed. EPSJV/Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

FROCHTENGARTEN, Fernando. **Caminhando sobre fronteiras: o papel da educação na vida de adultos migrantes**. SP: Summus, 2009.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. SP: Edições Loyola, 2014.

IPEA. **Atlas da Violência**. 2018. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432>. Acesso em 06 de novembro de 2020.

KATZ, C. Capitalismo vagabundo e a necessidade da reprodução social. Trad. Gilberto Cunha Franca e Valeria Fontes. **Espaço e Tempo** (Online), v. 23, n. 2, p. 435-452, ago. 2019.

KLEIN, L. R.; CAVAZOTTI, M. A. Incompatibilidades entre jornada de trabalho e jornada de aprendizagem: Nó górdio da EJA. **IX ANPED SUL 2012**. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2648/203>>. Acesso em 17 de janeiro de 2021.

LEE, Everett. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, Hélio A. (org.). **Migração interna, textos selecionados: teorias e métodos de análise**. Fortaleza: BNB, 1980, p. 89-114.

MARX, Karl. **O capital - Volume I. Livro I**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

MARCASSA, L. P.; CONDE, S. F.; DALMAGRO, S. L. Os caminhos da pesquisa e os desafios da investigação com crianças e jovens do maciço do Morro da Cruz. In: MARCASSA, L. P.; CONDE, S. F.; DALMAGRO, S. L. (org.) **Juventude pobre e escolarização: trabalho, cultura e perspectivas de futuro nos territórios do maciço do Morro da Cruz – Florianópolis**. Florianópolis: Editoria Em Debate, 2019.

MELO, Wanderson Fabio de. Friedrich Engels e a questão habitacional: o pauperismo socialmente produzido no sistema capitalista e as condições de moradia. **Anais do XVII Encontro de História da Anpuh – Rio de Janeiro: UFRJ**, 2016.

NETO, Nelson Nei G. **Exército industrial de reserva: Conceito e mensuração**. 2013. 126f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

OLIVEIRA, A. T. R. Algumas abordagens teóricas a respeito do fenômeno migratório. In: **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. IBGE, 2011.

RUMMERT, S. M. ALGEBAILLE, E. VENTURA, J. Educação da classe trabalhadora brasileira: expressão do desenvolvimento desigual e combinado. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 18 n. 54 jul/set., p. 717-738, 2013.

SILVA, M. A. de M. **Errantes do fim do século**. Editora UNESP. São Paulo, 1998.

SILVA, Mariléia Maria da. Jovens da EJA na “Ilha da magia”: Condições de trabalho, educação e migração. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 11, n. 1, p. 162-171, abril de 2019.

SIMMONS, A. B. Explicando la migración: la teoría em la encrucijada. **Estudios Demográficos y Urbanos**, México: Colegio de México, v. 6, n. 1, p. 5-31, enero/abr.1991.

SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: MOURA, H. A. de (Coord.). **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil - BNB, Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste, 1980. t. 1, p. 211-244. (Estudos econômicos e sociais, 4).

VENDRAMINI, Célia Regina. **Migração e escolarização: Realidade de jovens estudantes e trabalhadores**. Pesquisa CNPq, 2016.

VENDRAMINI, Célia Regina. **A categoria migração na perspectiva do materialismo histórico e dialético**. Revista Katalysis, v. 21, p. 239-260, 2018.